

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO LATU SENSU EM DOCÊNCIA DA EJA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA: juventudes presentes na EJA.

**NOÇÃO DE DIDÁTICA PRESENTE NAS FALAS DOS CURSISTAS DO ESPECEJJA, NO TRATO COM OS
EDUCANDOS JOVENS**

AUGUSTO NOGUEIRA SOARES

BELO HORIZONTE

2011

AUGUSTO NOGUEIRA SOARES

Noção de didática presente nas falas dos cursistas do ESPECEJJA, no trato com os educandos jovens – opção 2. A partir de diagnósticos e vivência dos alunos da EJA, proceder a investigação de conteúdos ministrados na disciplina de geografia, relacionando-os às práticas didáticas utilizadas, comparando os resultados alcançados com os esperados.

Projeto entregue, como requisito para a conclusão do Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em EJA da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de concentração: Educação de Jovens e Adultos.

Orientador: Professora Analise de Jesus da Silva

BELO HORIZONTE

2011

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA DA EJA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Juventude presentes na EJA

Augusto Nogueira Soares *

Noção de didática presente nas falas dos cursistas do ESPECEJJA, no trato com os educandos jovens – opção 2. A partir de diagnósticos e vivência dos alunos da EJA, proceder a investigação de conteúdos ministrados na disciplina de geografia, relacionando-os às práticas didáticas utilizadas, comparando os resultados alcançados com os esperados.

ABSTRACT: This paper investigates the results and seek to raise the contents that have not been assimilated by the student, after analysis of the evaluations. That content will produce satisfactory results, therefore, studied the forms or educational use and other suggestions will be presented and new paths to follow. For the diagnosis is accurate is important that the evaluation is complete, noting that it does not end, such a procedure. This research work is justified, since we believe that many times after closure of a content, we are expecting good results in evaluations, many do well, others not, and that's where we deem appropriate to investigate or delve into new alternatives to work certain content.

RESUMO: O presente artigo investigará os resultados alcançados e buscará levantar os conteúdos que não foram assimilados pelo aluno, após análise das avaliações. Aquele conteúdo que não apresentou resultado satisfatório será, portanto, estudado as formas ou didáticas utilizadas e outras sugestões serão apresentadas ou novos caminhos a serem seguidos. Para que o diagnóstico seja preciso é importante que a avaliação seja completa, lembrando que não se encerra nela, tal procedimento. Esse trabalho de pesquisa se justifica, pois, acreditamos que muitas vezes após encerramento de um conteúdo, ficamos na expectativa de bons resultados nas avaliações, muitos se saem bem, outros não, e é aí que julgamos oportuno investigarmos ou aprofundarmos em novas alternativas de se trabalhar determinados conteúdos.

* Bacharel Licenciado do curso de GEOGRAFIA pela PUC-Minas

Procuramos ser o mais objetivo, utilizamos uma fala, simples, mas não abrimos mão de trabalharmos os conceitos, pois, são indispensáveis para compreensão dos assuntos, seria, digamos assim, a parte técnica da disciplina, que costumamos chamar de ferramentas da geografia.

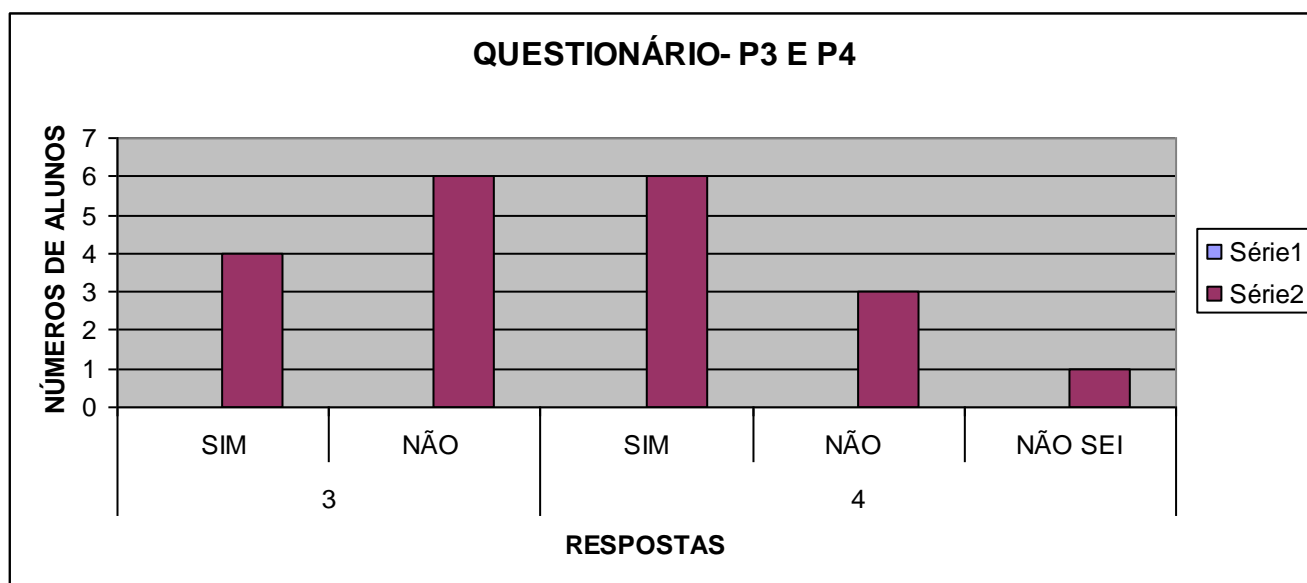
Neste trabalho fizemos o diagnóstico através de Questionário, contendo dez perguntas com alternativas de respostas fechadas, aplicado a uma turma do primeiro ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos, do turno noturno, da Escola Municipal Geralda Dias de Assunção do município de Sabará – Minas Gerais.

Após tabularmos os questionários, citamos algumas questões e seus resultados, buscando identificar possíveis justificativas para os resultados, através de gráficos e comentários a partir de nossa experiência na prática como professor de geografia e a partir de fundamentação teórica, que consideramos com isso ser possível aliar teoria e prática, com o objetivo de sempre melhorar a qualidade das aulas de geografia e otimizar o tempo dos jovens presentes na EJA, identificando suas dificuldades, respeitando suas vivências e contribuindo para justiça social através da prática educativa.

DIAGNÓSTICO COM A TURMA

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	12 A 18	6	1	1	1		1	1	1					
	19 A 29	4	1			1				1	1	1		
	AC DE 29	P1	0										1	1
2	MASC		4	1	1		1	1				1		
	FEM	P2	6	1	1	1			1	1	1		1	1
3	SIM		4		1	1	1	1						
	NÃO	P3	6	1	1		1		1	1	1	1	1	1
4	SIM		6	1		1	1	1	1			1	1	
	NÃO	P4	3	1	1						1			1
	NÃO SEI		1							1				
5	SIM		5	1	1	1				1	1	1		
	NÃO	P5	2				1		1				1	
	NÃO SEI		3	1		1		1						1
6	SIM		9	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	NÃO	P6	0											
	NÃO SEI		1		1									
7	SIM		7	1	1	1	1	1		1		1	1	1
	NÃO	P7	1						1					
	NÃO SEI		2		1						1			
8	SIM		10	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1
	NÃO	P8	0											
	NÃO SEI		0									1		
9	SIM		6	1	1		1	1	1	1		1		
	NÃO	P9	1						1				1	1
	NÃO SEI		3		1	1					1			
10	SIM		9	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	NÃO	P10	1		1									
	NÃO SEI		0											

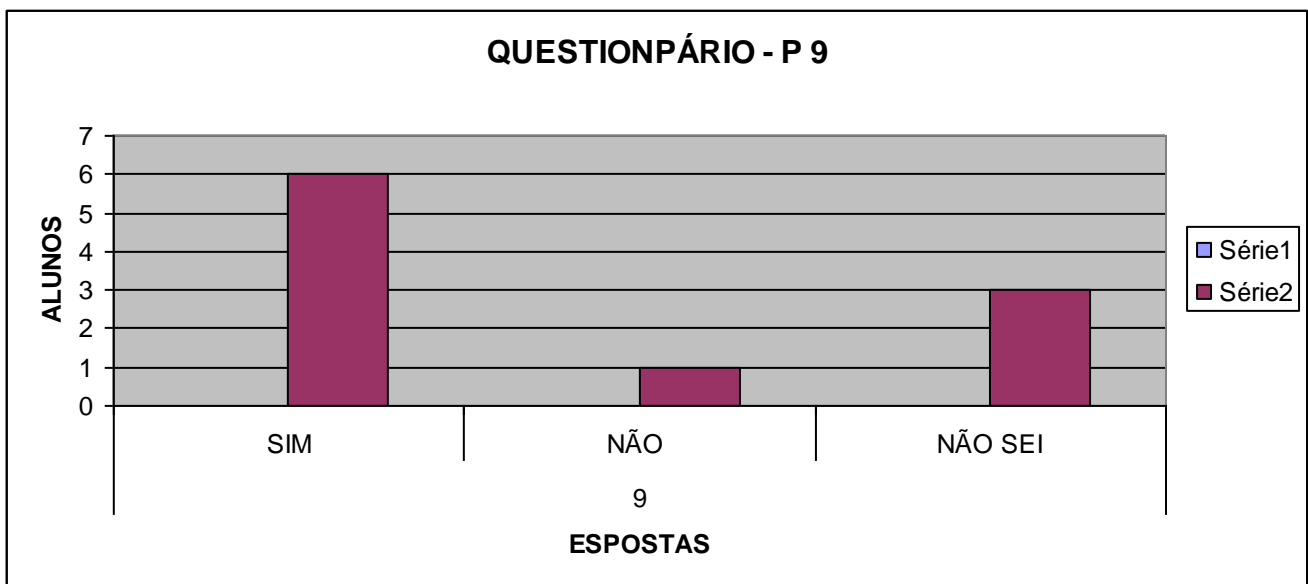
Ao perguntar a turma se em algum momento produziram uma maquete e um mapa a maioria dos jovens responderam que elaboraram algum tipo de mapa, conforme mostra o gráfico abaixo. Isso reflete que os jovens de certa forma têm mais contato com a forma de representação do espaço através de mapa e que a maquete é utilizada geralmente em práticas esporádicas, como por exemplo, em feiras realizadas nas escolas.



No que se refere a pergunta número cinco, a maioria concordou com a afirmativa, contudo, demonstrou surpresa, pois, vinte por cento disseram que “não” e trinta por cento que “não sei”, isso mostra que os jovens ainda possuem uma defasagem grande quanto a noção de escala, no caso, escala geográfica, pois, sua vivências ainda estão muito concentradas em ambientes próximos de suas casas.

Queremos comentar o resultado apurado sobre as questões seis, sete e oito, a grande maioria da turma respondeu que “sim”. Lembro que esse assunto foi trabalhado no primeiro bimestre, portanto, considero satisfatório.

A pergunta nove foi atendida quanto aos resultados esperados, porém, trinta por cento da turma respondeu que não sabia, considero esse resultado negativo, pois, esperava-se que a grande maioria respondesse “não”, contudo, lembramos que alguns têm histórias de vidas muito pertinentes ao bairro ou uma cidade do interior, com pouca oportunidade de se vislumbrar outras paisagens. O gráfico abaixo mostra tal conclusão.



Quanto a pergunta número dez a grande maioria respondeu que “sim”. Tal resultado se justificaria, diante da realidade desses jovens, com pouca escolarização e de oportunidade de trabalho, famílias que vivenciam a realidade social do país.

Algumas propostas de trabalho em sala de aula

O comprometimento do aluno com a Geografia na sala de aula ou fora dela está relacionado com maior integração deste com a turma e com o professor. Essa integração vai depender da forma como o professor propõe as atividades. Diante de determinado assunto ele irá propor, por exemplo, leitura e representação do assunto em uma folha de ofício, da idéia principal do texto, nessa folha poderão conter ilustração, palavras-chave, título e resumo. No segundo momento cada aluno irá apresentar seu trabalho, por grupo, para toda a turma.

Quando se propõe aos alunos buscarem o conhecimento a partir de suas compreensões, estes estarão mais envolvidos e menos dispersos, nesse momento o professor atuará no sentido de se promover intervenções quanto aos objetivos dos trabalhos e sanar possíveis dúvidas ou quaisquer desvios de comportamento ou falta de foco.

No caso ora analisado, foram propostos dois temas, a sala foi dividida em quatro grupos, cada assunto será apresentado duas vezes, no final o professor fará uma exposição para complementar as apresentações e concluirá suas análises sobre os trabalhos apresentados e ilustrados.

Os trabalhos em grupo permitem ao professor uma intervenção mais efetiva em cada grupo, atuando onde e quando necessário. Os assuntos podem ou não ter relação com o cotidiano dos alunos, onde houver relação fica fácil de identificar, a partir das observações dos alunos, no momento que não houver relação com suas vidas, o professor poderá intervir

com comentários buscando fazer essa interlocução, buscando explicar os possíveis motivos dessa não identificação.

Claro, muitos alunos estão na escola, mas não conseguem perceber a importância dela ou possuem muitas dificuldades de concentrarem nos estudos por vários motivos que justificariam o seu fracasso, mas o importante é que todo trabalho de motivação e identificação e proposta, deve ser executada. Durante a produção os jovens devem ser motivados e será considerado cada trabalho, devendo ser respeitado a individualidade de cada educando, sua capacidade de abstração, raciocínio e coerência das idéias.

A riqueza de conteúdo é uma conquista e sua socialização perante a turma permitirá que essa meta seja alcançada, através dos trabalhos em grupo ou individuais, os alunos nos surpreendem positivamente, contudo há de se considerar que é um processo de construção e que muitos são os aspectos influenciando nesses trabalhos.

Sobre o olhar do outro conseguimos enxergar muitos detalhes, muitas vezes que passaram despercebidos. O jovem tem a consciência de seu comprometimento, envolvimento ou da qualidade de seu trabalho, porém, é importante que reconheça a importância de se participar com o melhor de si, visando sempre alcançar o melhor resultado.

O professor deve valorizar a visão de mundo do aluno, contudo sua intervenção será pertinente no momento que o aluno não consiga fazer a ligação do seu mundo com o mundo externo, visualizar sua vida numa perspectiva de inserção através da escola e da realidade, conseguir considerar que se trata de um exercício diário de concentração e reflexão sobre sua prática. A escola é o caminho para descoberta de outras paisagens, culturas etc. e os livros são o meio de transporte, onde cada palavra em associação formulará todo um contexto, nessa viagem o principal tripulante é o jovem, o professor é o comandante, orientador é quem vai auxiliar a discernir determinado assunto.

Outras forma importante a se trabalhar com os jovens da EJA, são as atividades com jornal, quando é proposto que eles tragam uma reportagem com ilustração ou não e que colem no caderno, devendo tecer com um comentário sobre tal reportagem. Ao chegar à sala cada aluno irá ler seu comentário para a turma, antes, porém o título e o nome da fonte ou periódico pesquisado, dependendo de cada caso, o professor poderá fazer comentários no sentido de elucidar determinado assunto que julgar pertinente ou caso a turma o solicite. Essa prática permite que cada aluno traga um assunto a ser repassado e no final serão discutidos vários, o professor poderá aproveitar essa atividade para expor determinado conteúdo ou pedir para que os alunos relacionem com suas vivências, é o momento do professor observar e avaliar a capacidade de cada aluno sobre os assuntos, suas visões de mundo, suas observações críticas e sugestões para mitigar possíveis problemáticas.

A geografia vai buscar compreender a relação do homem na sociedade, que é a paisagem em transformação constituindo o espaço geográfico. Nesse contexto se insere a sociedade urbano-industrial capitalista, dividida em classes sociais, com desigualdades, com sinais mais visíveis nas famílias mais pobres ou a margem da sociedade, desprovidas de políticas públicas, desamparadas pelo estado e culpadas pela sua sorte, reflexo de um passado histórico e de governos que privilegiaram as elites nacionais e empresas estrangeiras, sem qualquer sentimento patriótico ou mesmo humanas se considerarmos hoje a sociedade mais individualista, o que falarmos da construção da sociedade brasileira, nessa linha de raciocínio, fica claro que a concentração da terra e da renda e ainda a urbanização e a industrialização são transformações do espaço geográfico, sem, contudo preocuparmos com a coletividade, ou com os problemas sociais, tais como a mortalidade infantil, a criminalidade, o desemprego, entre outros. O estado beneficiou determinados grupos ou atuou em determinadas áreas e deixou de lado questões de sua ossada, ou seja, o que deveria ser o seu principal objetivo na sociedade, o que a história nos tem mostrado que vários caminhos tomados por alguns governantes resultaram em grandes prejuízos para humanidade. As sociedades vêm sofrendo transformações importantes, os jovens hoje estão inseridos num mundo técnico-informacional, o mercado impõe novos padrões, fronteiras e valores morais são questionados e derrubados, escolhas e caminhos são alterados com a muita rapidez. Nesse contexto os jovens exigem seu espaço, querem um lugar ao sol, mesmo sem consciência de seus direitos ou sem uma capacidade crítica ou de se localizar diante das políticas dos governos ou dos órgãos supranacionais, como a ONU ou o FMI ou ainda a mídia por exemplo.

A escola atende as exigências do mercado de trabalho dentro do limite e de sua capacidade, o projeto político pedagógico é estruturado para atender os jovens com defasagem no sentido de realmente promover sua inserção, a estratégia de aprovação, melhorar os índices e garantir as verbas para educação.

Claro, à escola cada vez mais há uma demanda maior, pois, com a educação pode-se conscientizar o jovem não apenas transmitir técnicas ou métodos didáticos, nessa perspectiva é debitado à escola as mazelas da sociedade, sem, contudo, reconhecer que esta é também esquecida pelas políticas públicas. De fato nas escolas se discutem muito pouco sobre as questões étnico-raciais. Acredito que através das leis as práticas começaram a mudar. Em Sabará atualmente temos uma data que faz parte do calendário escolar, o dia da consciência negra (20 de novembro, data do aniversário de morte de Zumbi dos Palmares) os alunos participam com trabalhos, já trouxeram afro-descendentes, pessoas da

família, para transmitirem suas experiências de vida aos jovens, relatam que mesmo com toda dificuldade ou desigualdade que o negro sofre no Brasil é importante ser honesto e honrar a família, não se perder diante das promessas ou fantasias que o mundo de hoje oferece e que o melhor caminho a se seguir é o da família, o da religião e o da escola. Realmente hoje a vida na cidade é bem diferente da vida no campo, ou seja, uma vida voltada para o trabalho e o consumo, da valorização do Ter em detrimento do Ser e a escola está um pouco ou totalmente perdida nesse contexto, pois, não ajustaram seu plano pedagógico às reais necessidades dos jovens e das famílias, essas últimas também perdidas diante dessas transformações, onde os valores foram brutalmente mudados, atendendo aos interesses capitalistas de um modelo urbano-industrial. Os jovens hoje têm acesso aos meios de comunicação, como celular, internet, um tênis da moda, mas não têm a presença dos pais, no processo de educação e desenvolvimento. As famílias são além de carentes economicamente, também desprovidas de valores que alicerçam e representam um norte para esses jovens. O despreparo e a falta de referência são presentes em todas as classes sociais, contudo, a dívida social ainda é a que prevalece perante as classes mais pobres, pois, se fizermos uma visita às penitenciárias, às favelas ou ainda às ruas das grandes cidades vamos perceber que a grande maioria, é de negros e de pardos.

Talvez no Brasil não haja racismo, se convive harmoniosamente, ou melhor, essas questões são invisíveis, são veiculados pela mídia no sentido de alcançar altos pontos de audiência, entretanto, não são discutidas pelos políticos, nem pela sociedade, muitas vezes o problema é transferido para a escola, sem, contudo, dotá-la de equipamentos ou profissionais especializados e bem remunerados.

A escola, mesmo com o total descaso das autoridades, exerce seu papel com excelência e poderia fazê-lo com maior competência se esse fosse o objetivo ou prioridade das políticas públicas.

Lembramos que nos últimos anos foi constatado que muitos dos acidentes de trânsito poderiam ser evitados se nas escolas existissem uma disciplina voltada para esse problema, pois, a maior parte da população vive nas cidades. Mas ainda vai demorar muito, até que as verbas cheguem. A mídia mudou o foco, quem sabe o “criança esperança” vai convencer a sociedade que se trata de um direito e não de uma doação e ai talvez muitos dos problemas serão resolvidos. Será que “o amigo da escola” é amigo do país?

Quem sabe as políticas ditas como “assistencialistas” pelos opositores neoliberais se perpetuem e que os jovens consigam encontrar seus caminhos e que as escolas e seus gestores, professores e as comunidades escolham os melhores planos pedagógicos, que os possibilitem crescer como pessoas conscientes e críticas, conhecedoras de sua história, que

possam transformar o local onde estão inseridos com possibilidades de vislumbrar outros mundos, com justiça social, orgulhosos de que suas conquistas por mérito e não por doação, acreditando que podem transformar suas vidas como pessoas, como brasileiros de fato e de direito.

A política de Educação para acontecer de forma eficiente e de qualidade num país, como o Brasil, com dimensões continentais, aproximadamente 8.514.966,3 de km², com grande diversidade cultural, requer investimentos ousados, visando melhoria dos aparelhos que vão subsidiar trabalhos de qualidade, bem como investimento nos profissionais que atuam na Educação.

A parcela da população com demanda de Educação de qualidade muitas vezes não possui consciência do seu direito à educação, as autoridades quando direcionam parte dos recursos para melhoria da educação querem mostrar para o povo que fizeram algo que ninguém jamais fez que foram pioneiros, não mostram para o contribuinte que isso significa tão somente um retorno do imposto pago e é o que todos esperam, mas não, buscam ressaltar que foram grandes gestores, compromissados com o futuro do país e estão fazendo além do que é preciso, torna-se objeto de campanha política.

Acreditamos que em uma sociedade democrática, onde as políticas públicas devam ser prioridade nos planejamentos e nas estratégias e que as questões sociais devam ser tratadas com maior preocupação, pois em longo prazo o resultado aparece e os ganhos serão incomensuráveis.

Queremos citar o Japão, como exemplo, que investe em educação, ou seja, no povo, que é a principal riqueza do país, uma vez que aquele país é pobre em recursos naturais, com muitas limitações, carente de áreas ecúmenas. No entanto, consideramos aquele país nipônico muito maior do que seus limites territoriais, cerca de 317.815 km², pois sua tecnologia altamente avançada conquistou mercados, expandiu além de suas fronteiras, consolidou-se como potência econômica, mesmo tendo sido proibido constituir exército ou investir numa política beligerante, sua principal arma é a tecnologia, conquistada com investimentos em pesquisa e inovação tecnológica. Se o Japão busca sobreviver sobre três placas tectônicas, das Filipinas, do Pacífico e a Euro-asiática, o Brasil se estruturou no centro da Sul-americana. Enquanto aquela instabilidade geológica tenta tirar o equilíbrio econômico do Japão, no Brasil a fragilidade social, a desigualdade regional cria abismos intransponíveis, que impedem qualquer possibilidade de ascensão social.

Com o surgimento das cidades, os agrupamentos produziam para toda a coletividade, o excedente da produção foi apropriado por alguns com a criação de leis, tornando legítima tal apropriação, surgindo então a propriedade privada. De certa forma acredito que a

concorrência entre empresas torna o mercado dinâmico e as pessoas ambiciosas, isso as fazem sempre buscar algo melhor.

Nos dias de hoje, é difícil aceitar que o Estado mude as regras, com a política neoliberal, que beneficiou alguns empresários, inclusive estrangeiros, em detrimento da grande maioria da população, ou seja, o Estado deve ser protecionista quando o sistema capitalista está em crise e liberal quando as empresas necessitam expandir seus mercados, baixar seus custos e o povo mais uma vez terá que esperar.

No Brasil o desenvolvimento urbano-industrial foi perverso com a população rural, que nas cidades foi deixada de lado, crescimento desordenado sem infra-estrutura, gerando graves problemas nas capitais do país, principalmente na região Sudeste, a demanda por políticas públicas que privilegiem as questões sociais é uma das formas mais objetivas e diretas de se resolver o que sempre foi deixado em segundo plano e cada vez mais distante de se conquistar, especificamente o direito ao Ensino Básico e a Educação de Jovens e Adultos.

Ao invés de repassar para os empresários para depois distribuir, por que não tirar a Educação do fim da fila e realmente investir agora, pois, o raio de abrangência ou ganho para o país será maior e hoje o mundo vive outra conjuntura econômica e política, onde não é mais possível aceitar governos ditatoriais, anti-democráticos, voltados para si próprio ou para uma pequena minoria em detrimento da grande maioria. Esse cenário é certamente o mais oportuno, é o momento de se investir realmente no povo, tentar resgatar parte dessa grande dívida social que perpetua no país. Inês Signorini “A letra dá vida mas também pode matá” p.26.

Conforme comenta Tião Rocha – 2006 no texto As Tramas da identidade. Revista onda jovem nº 3 há de se considerar a cultura uma questão presente, possível de ser realizada e o é, pois, toda comunidade, mesmo a mais simplória que seja possui uma cultura peculiar que deve ser resgatada e valorizada, principalmente, nos dias de hoje, estamos cada vês mais imobilizados pelo capital internacional globalizante que impede qualquer forma de manifestação cultural, se não, do consumo exacerbado representado pelas grandes empresas transnacionais, que utilizam a mídia como meio de produção capitalista a atender um pequeno grupo oligopolista poderoso. Qualquer forma que não seja dentro do padrão uniforme do capitalismo financeiro, passa despercebida, pois as políticas de estado não atingem o grande público.

A cultura nacional é a última riqueza que não pode ser privatizada, pois, a nação brasileira como tantas outras, perderá o que resta de sua história, sua identidade sua referência, sua alma, atendendo aos interesses de outras nações que se julgam superiores e

tentam nos impor como únicos os seus modos de vida. Revista Onda Jovem. As tramas da identidade. Nov.2005 por Tião Rocha.

Conforme o texto PEREGRINO. Mônica e Carvalho, Paulo. A escola e o mundo juvenil. Ação Educativa, São Paulo, 2003. Temos que destacar as especificidades de cada comunidade, ou seja, o projeto político pedagógico deve ser ajustado à realidade dos jovens, buscando identificar as principais demandas. Propor alternativas de ensino com o objetivo de resgatar a aprendizagem, contextualizar e fazer o link com outras possibilidades. Lembra a importância dos currículos que valorizem as demandas dos jovens, devem considerar suas manifestações e formas de se expressarem até mesmo quando utilizam bonés em sala de aula ou tatuagens, formas de ocuparem territórios esquecidos pela elite dominante de forma sutil. Trata também da necessidade de adequação do tempo escolar com tipo de jovem que busca a escola, ou seja, aquele trabalhador que estuda. Vai além de ofertar vagas aos mandatários e que se efetive uma política pública com o objetivo real de se atingir a todos, buscando o acesso, a permanência e a qualidade.

Trouxemos aqui alguns comentários, tendo como base o Documento Base Nacional – Ministério da Educação. Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, de 2008. Formular e compreender o diagnóstico. Educação como direito de aprender. Reafirmar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Espaço de diferentes ambientes de vivências, considerarem no planejamento e execução de diferentes propostas. Pensar os jovens é trabalhar com e na diversidade. A desigualdade tem sido a marca da diversidade. Desigualdades como desafios a serem superados pela sociedade brasileira. Há exigência de políticas de Estado para superar a desigualdade. Superar as formas veladas, sutis e explícitas de exclusão de que a desigualdade se vale.

Relações intergeracionais formas de expressão conflituam com padrões homogêneos. O Brasil ainda é um país jovem, de expressar suas juventudes, processos de formação e de humanização. Necessidade de foco sobre esses sujeitos nas ofertas educativas.

Periferias urbanas. Mapa da pobreza em nosso país. Situações humanas mais degradáveis, participar de atividades culturais e econômicas criando identidades e expressando a diversidade ali existente. Superar a raiz européia. Discriminação ao seu fenótipo, preconceitos, forjados a partir de estereótipos.

Muitas reivindicações foram atendidas e incorporadas aos textos legais a partir daí princípios, referências para a formulação de políticas educacionais. Sobrevivência ao machismo, mulheres vivem problemas de duplas jornadas, horários de oferta inadequados à realidade de vida dessas famílias.

O agronegócio e a exploração da terra. Cultura camponesa, não mais a educação no campo, mas a educação do campo.

Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Resistência de afrodescendentes à escravatura e mantendo tradições e concepções de mundo resguardadas durante anos em agrupamentos zelosos de seus saberes e de seu conhecimento. Sujeitos privados de liberdade, quanto ofertada em presídios, competem com o trabalho, e em desvantagem, pelo trabalho há remuneração financeira de que precisam internos e suas famílias, além do que é visto como saída para manter internos ocupados, e medida de ressocialização. A remição de um dia de pena pela educação, quando existe, exige 18 horas de estudos, enquanto o trabalho faz a remição de um dia para cada três trabalhados. Durante o tempo de privação da liberdade, a educação pode ser alternativa real de vida, consolidando um dos muitos direitos não garantidos à maioria dos sujeitos presos.

Os processos de aprendizagem ocorrem segundo determinadas regras e lógicas do que é saber e conhecer. Segundo a ordem de necessidade em relação ao que se quer – ou se precisa – aprender.

Superar um sistema verticalizado, com saberes e conhecimentos tomados como conteúdos, sem os quais o sujeito não adquire a legitimidade pelo que sabe.

Dada a diversidade aprender exige ação coletiva. Explorar as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) a serviço da humanização e da educação de sujeitos. Se ler e escrever são indispensáveis às sociedades em que a cultura escrita regula a vida social, como atuar para que jovens e adultos aprendam e se apropriem dessas técnicas? Tempos na organização da EJA são fundamentais para possibilitar que aprendizados escolares se façam com tempos flexíveis, para garantir a permanência e o direito à educação.

Políticas de alfabetização que possibilitem o domínio de código lingüístico, e também sejam capazes de atribuir sentidos e recriar histórias, pela escrita, sem prejuízo de outras formas de expressão como imagens vão além do que tem sido observado em muitas práticas de alfabetização e de EJA. O mundo contemporâneo exige o leitor de diversos códigos, do múltiplo, do diverso, na interpretação e com capacidade de dando asas à imaginação.

Mediação com os estudantes e seus saberes

A avaliação na EJA também implica enfrentar o desafio e a lógica perversa da cultura hierárquica e submissa que formou o povo brasileiro. Mais do que pôr “cada um em seu

lugar” ao invés de minimizar o seu valor, e maximizar o valor do conhecer e da competência dos jovens pelos aprendizados realizados.

No campo da EJA, historicamente, tem sido fundamental que a União cuide das escolhas e dos rumos da política proposta, pela influência que exerce sobre os demais entes federativos e, neste caso, especificamente, pela representação do MEC. Estados e municípios, na sua tarefa profícua de execução direta para a garantia da oferta de EJA como direito à educação, acompanham a orientação do governo federal no que diz respeito ao preceito constitucional e, ainda, utilizam-se do princípio da autonomia federativa no que concerne a modelos pedagógicos e administrativos que melhor respondem aos desafios postos pela diversidade dos sujeitos. Tratamento isonômico de estudantes de EJA em relação aos demais do ensino fundamental e médio.

Das relações entre Educação, Pedagogia e Didática - Brandão - 1981, p. 71 – Ninguém escapa da educação, em casa, na rua, na igreja ou na escola. Não intencional – a educação se configura como processo de inserção de pessoas no mundo cultural.

Na intencional apresenta-se como traço central, caracterizando-se pela definição prévia de objetivos, meios e condições que dão forma aos processos de ensino e aprendizagem. A escola tem duas funções: adaptação ou transformação social. A primeira feição, de cunho reprodutivista, reforça as relações autoritárias na sociedade capitalista; a segunda, de caráter emancipatório, busca promover a resistência e superar os mecanismos de dominação. Educação é prática, Pedagogia é ciência.

Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis – Bogdan suchodolski – 1992 – assinala a necessidade de síntese entre essência e existência, depositando, numa perspectiva socialista da educação, sua esperança. Dermeval Saviani, torna a marginalidade como referência para compreender a educação como instrumento de sua superação (equalização social) ou de sua reprodução (discriminação social)., Também José Carlos Libânio, classifica as tendências educacionais em liberais e progressistas.

Teorias que dão sustentação às práticas educativas – teoria positivista, crítico-reprodutivistas e a histórico crítica ou dialética para classificar as tendências pedagógicas em reformistas e transformadoras. A teoria Positivista – Sociedade como máquina, não apresenta necessidade de mudança, disfunções como fenômeno ocasional. A equalização social a Educação. Desigualdade como divina (explicação humanista-católica) nunca devido à sociedade capitalista. A Tendência Pedagógica Renovada Progressivista - meros consumidores do acervo científico e cultural produzido por outros. A Tendência Pedagógica Renovada Não-Diretiva – autoconhecimento. A Tendência Pedagógica tecnicista defende formação para o mercado de trabalho, treinando mão-de-obra acrítica sob a lógica da

produção em massa e padronizada. Por Dermeval Saviani – 1985 – não-críticas e por José Carlos Libâneo – 1986 – como liberais. Tendências Pedagógicas reformistas – manutenção do *status quo*. Teorias Crítico-Reprodutivistas contrapõem a os positivistas, sem os AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado). Teoria da violência Simbólica – pedagogia institucionalizada através do sistema escolar. Teoria da Escola Dualista – divisão social entre capital e trabalho, dominantes e dominados, opressores e oprimidos. Teoria Histórico-Crítica ou Dialética – resistência aos AIE. Tendências Pedagógicas Progressistas – construção e consolidação de outro modelo social, transformação da realidade. A Tendência Pedagógica Libertadora – progressistas – consciência política – Paulo Freire.

A didática nos projetos políticos e educativos reformistas – tradicional e acrítica. Educação bancária. A relação professor-aluno é vertical e autoritária. Tendência Pedagógica Renovada Progressivista – pragmatismo de John Dewey. Também *Jean Peaget* altera relação professor-aluno como sujeito capaz de construir conhecimento. A tendência pedagógica Renovada Não-diretiva – afetividade – conteúdos selecionados pelos alunos – os cantinhos da sala e os centros de interesse representaram, por muito tempo, essa liberdade de escolha. Binômio inteligência-afetividade (ação-emoção), aqui não ouvimos falar em criticidade. Tal corrente pedagógica buscou fundamentação na psicologia comportamentalista de behaviorista. Dinâmicas de grupo, mas silenciam as discussões. Posição secundária com relação aos fins, controlado por especialistas. A didática nos projetos políticos e educativos transformadores – necessidade de conscientização política e apropriação crítica do saber científico e universal. Tendência pela Pedagogia Libertadora – Paulo Freire. – Palavras geradoras – imersos no processo de formação política. Pedagogia freiriana é “ninguém ensina ninguém, os homens aprendem em comunhão”. Tendência Pedagógica Histórico-Crítica – Representam essa orientação: Manacorda, Makarenco, Suchodolki, Charlot, Snyders, Libâneo e Saviani. O saber é uma potente arma de luta contra os processos de alienação e dominação. Saviani - 1985, p.73 – 76 – propõe cinco passos: Síncrise (leitura da prática social); Problematização (identificação); Instrumentalização (ferramentas culturais); Catarse (sistematização) e Síntese (forma consciente). Gasparim – 2002 – interacionista da aprendizagem (Lev Semienovitch Vygotsky) compreende que a aprendizagem não é uma consequência de estruturas cognitivas prévias, mas condição para que novas funções intelectuais sejam construídas. Ensinar é mediar, é criar condições para fomentar a zona de desenvolvimento proximal, diminuindo a distância entre a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento potencial do aluno. Método dialético (síncrise – síntese) concretiza por meio de uma didática colaborativa, dialógica e problematizadora, que forneça a ação e o pensamento crítico e autônomo. Desse modo, acreditamos ser importante nos interrogarmos continuamente sobre: Que tipo de humano pretendemos formar? Que educação, escola e

fazer didático serão capazes de contribuir para a formação deste homem? Que tipo de sociedade esperamos que este homem seja capaz de edificar? Que professor (a) sou e preciso me tornar para ajudar na consolidação deste projeto político e pedagógico?

No Brasil o desenvolvimento urbano-industrial foi perverso com a população rural, que nas cidades foi deixada de lado, crescimento desordenado sem infra-estrutura, gerando graves problemas nas capitais do país, principalmente na região Sudeste, a demanda por políticas públicas que privilegiem as questões sociais é uma das formas mais objetivas e diretas de se resolver o que sempre foi deixado em segundo plano e cada vez mais distante de se conquistar, especificamente o direito ao Ensino Básico e a Educação de Jovens e Adultos.

A cultura nacional é a última riqueza que não pode ser privatizada, pois, a nação brasileira como tantas outras, perderá o que resta de sua história, sua identidade sua referência, sua alma, atendendo aos interesses de outras nações que se julgam superiores e tentam nos impor como únicos os seus modos de vida. As especificidades de cada comunidade, ou seja, o projeto político pedagógico deve ser ajustado à realidade dos jovens, buscando identificar as principais demandas. Propor alternativas de ensino com o objetivo de resgatar a aprendizagem, contextualizar e fazer o link com outras possibilidades. Lembra a importância dos currículos que valorizem as demandas dos jovens, devem considerar suas manifestações e formas de se expressarem até mesmo quando utilizam bonés em sala de aula ou tatuagens, formas de ocuparem territórios esquecidos pela elite dominante de forma sutil. Trata também da necessidade de adequação do tempo escolar com tipo de jovem que busca a escola, ou seja, aquele trabalhador que estuda. Vai além de ofertar vagas aos demandatários e que se efetive uma política pública com o objetivo real de se atingir a todos, buscando o acesso, a permanência e a qualidade. O texto Jovens e Escola – compartilhando territórios e sentidos de presença de Peregrino, Mônica e Caarrano – 2003. Também Tereza Machado Maher em O mundo sem escrita. A educação tecnológica impõe novos padrões de consumo e de convivência, os poderes instituídos agora não mais podem impor a sociedade um modelo sem que a sociedade discuta sua eficácia. Nas escolas há uma resistência ao novo, seja pela condição de acomodação e abandono ou total falta de esperança. Na oportunidade, cito o fato que ocorre atualmente em Sabará, quando da informatização do município, em especial das escolas, que representará o fim do diário de classe, claro, não quero entrar na questão da falta de discussão sobre como possibilitar ao professor a adequação à tal mudança, acredito se realmente tal medida se concretizar representará uma importante mudança extremamente necessária. O fato de se mencionar tal exemplo se faz necessário, pois, acredito que a escola deve mudar e se adequar a realidade atual, caso

contrário ela ficará pelo caminho e os jovens buscarão outras alternativas ou a sociedade mostrará outras possibilidades de se promover construções coletivas pedagógicas, através de outros espaços, o campo de futebol, o supermercado etc. Analise de Jesus da Silva, Os novos analfabetos da modernidade. O Estado de São Paulo - 2009.

BUSCANDO CONCLUIR

Neste trabalho tentamos identificar respostas às questões da defasagem dos jovens da EJA que recebemos e entendemos que muitas perguntas ainda ficaram sem respostas e nem mesmo foram apresentadas diante do universo de complexidade e atribuições que a escola no Brasil demanda, não só por questões econômicas e sociais, mas também por dificuldade e ausência das políticas públicas de se alcançar as classes mais pobres. Nessa perspectiva, acreditamos que a escola exerce um papel de grande valia à sociedade e que a melhoria do ensino requer participação de todos os sujeitos envolvidos, ou seja, a comunidade escolar, os alunos, outros profissionais, os professores e os gestores, contudo a participação deve ser transparente e democrática e que só assim cada um terá consciência de sua responsabilidade. Acreditamos também que após conclusão desse trabalho nos tornamos profissionais mais conscientes e críticos voltados para construção de uma sociedade igualitária, menos reformadora e mais progressista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCLARECER O IGNORANTE: A CONCEPÇÃO ESCOLARIZADA DO ACESSO AO MUNDO DA ESCRITA. Inês Signorini. 1994

AS ESTATÍSTICAS DA ALFABETIZAÇÃO. Vera Masagão Ribeiro. 2007

O MUNDO SEM ESCRITA. Tereza Machado Maher. 1987.

A LETRA DÁ VIDA MAS TAMBÉM PODE MATÁ. Inês Sgnorini,

PRÁTICAS DE LEITURA NA EJA: DO QUE ESTAMOS FALANDO E O QUE ESTAMOS APRENDENDO. Cláudia Lemos Vávio. 2007.

DIDÁTICA E DOCÊNCIA APRENDENDO A PROFISSÃO. Isabel Maria Sabino de Farias, Josete de Oliveira Castelo Branco Sales. Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga. Maria do Socorro Lima Marques França.

DOCUMENTO BASE NACIONAL. Ministério da Educação. 2008.

LETRAMENTO ESCOLAR, RESULTADO E PROBLEMAS. O insucesso escolar no Brasil do século XXI. Roxane Rojo.

REVISTA ONDA JOVEM. As tramas da identidade. Nov. 2005 por Tião Rocha.

FRAGMENTO DO TEXTO: Pedagogia de Projetos – intervenção no presente. Lúcia Helena Álvares Leite.